



A concentração de direções e extensões, representada na obra *Distances*, do fotógrafo italiano Gianluca Cerminara – a obra de capa desta edição –, faz com que nos lembremos de que um centro é tão somente um marco que usamos para pensar determinadas relações com outros lugares. Se a longevidade e a constância da *Revista Plural* são devidas ao contínuo trabalho de gerações de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, sua própria existência se deve, por sua vez, à colaboração de inúmeros estudantes e profissionais de todas as partes do Brasil e, inclusive, do exterior. É uma honra apontar em todas essas direções, a cada nova edição da *Plural*. A edição 19.2 possui colaborações de pesquisadores vinculados a instituições de ensino superior da Itália, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de Pernambuco e do interior do Estado de São Paulo, além da própria USP.

Porém, antes de iniciar a apresentação dos itens que compõem esta edição, convém uma nota. Encerrando o ano de 2012, temos dois marcos importantes a comemorar. O primeiro, mais recente, é o sucesso da digitalização da Revista. Esse processo foi iniciado em 2008, com o volume 15, que viabilizou financeiramente a continuidade do periódico e, ao mesmo tempo, ampliou sua divulgação e seu escopo inicial. No ano seguinte, colhendo os frutos da digitalização, iniciávamos, com o volume 16, uma nova era da *Plural*: passamos a publicar, consistentemente, dois números a cada ano, isto é, a revista passou a ter periodicidade semestral. O segundo marco a se celebrar é o aniversário de vinte anos da revista, a completar em 2013, para cuja comemoração planejamos uma seção especial no próximo volume.

A edição presente traz, para iniciar, uma instigante entrevista com o sociólogo Bernard Lahire, professor da École Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines, de Lyon, na França. O professor Lahire ofereceu dois cursos no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, ao longo de 2011 e 2012. A entrevista, além de abordar sua trajetória e formação, trata de algumas das questões candentes dos cursos – destacamos de imediato as críticas e proposições de Lahire em relação aos conceitos de *campo* e *habitus*, de Pierre Bourdieu.

A *Plural* 19.2 tem também uma tradução inédita do texto “A memória, o *homunculus* e a arte da ficção”, do sociólogo italiano Gianfranco Pecchinenda, que gentilmente nos ofereceu os frutos iniciais de um livro que está escrevendo atual-

mente e que abordará a relação entre literatura, memória e identidade, a partir da perspectiva da sociologia cultural. Nesse ensaio, ao refletir sobre o caráter e o papel da ficção, o professor italiano coloca em diálogo a literatura, a filosofia e a neurologia, perseguindo uma linha argumentativa que poderia ser caríssima a Nietzsche – que, ao que parece, é um interlocutor oculto do texto. Para tanto, Pecchinenda desafia a fronteira entre a vida e a arte, ao defender que a ficção é uma espécie de modelo para a construção narrativa da memória.

Em uma tentativa de dar seguimento ao debate em torno da sociologia cultural, republicamos nesta edição o texto de Claude Lévi-Strauss, “A sociologia cultural e seu ensino”. De que forma a sociologia enquanto ciência deve orientar seus objetivos, métodos e metodologia? Qual a natureza de seu estatuto epistemológico frente ao estudo das ciências naturais? O modo como Lévi-Strauss ataca essas questões, de fato, não é radicalmente novo, mas o texto transcrito nesta edição da *Plural* dá um esboço geral do que significava o “projeto epistemológico” do intelectual francês, para quem o objetivo das ciências sociais compreenderia, sobretudo, uma análise “nomotética” da cultura. Quando Lévi-Strauss prioriza a cultura como a principal instância sociológica, ele estabelece que não se trata somente de analisar o comportamento social *per se*, mas sim o modo como essa série de condutas corresponde justamente a procedimentos mentais e simbólicos. As condutas são estruturadas a partir de uma lógica que conecta de modo significativo símbolos que orientam as ações humanas, ou seja, não existe sociologia que não seja cultural.

Já a seção de artigos conta com duas contribuições ao debate sobre a construção de políticas públicas no âmbito do governo. Márcio Barcelos analisa os fatores envolvidos no embate de distintos atores na conformação da política de silvicultura para a “metade sul” do Rio Grande do Sul, entre os anos de 2004 e 2009. Valendo-se de diferentes fontes, delineia a formação de duas “coalizões”, mostrando o significado do embate em torno da política pública, por meio de ideias, crenças, discursos e agentes de cada uma das coalizões. Já o artigo de Cleber José Bosetti, “Ciência e política nas decisões da CTNBio”, trata das intersecções de ciência e política no espaço governamental, em que se desenvolvem as posições oficiais sobre os organismos geneticamente modificados. Focando também nos atores envolvidos nas decisões, Bosetti trabalha principalmente com depoimentos de indivíduos que conheceram de perto a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança.

De uma perspectiva menos empírica, dois outros artigos desta edição contêm estudos sobre questões brasileiras. Aristeu Portela Júnior, em “Florestan Fernandes e o conceito de patrimonialismo na compreensão do Brasil”, busca, na origem weberiana do conceito e em sua aplicação por Florestan Fernandes, as balizas para criticar os sentidos em que o “patrimonialismo” é mais comumente empregado

na atualidade. Nessa medida, Portela aponta suas críticas para as interpretações tributárias da obra mais conhecida de Raymundo Faoro, mostrando suas limitações em relação à visão trabalhada em obras como *A revolução burguesa no Brasil*, de Fernandes. Outro intérprete do Brasil – “intérprete” em um sentido talvez mais amplo do termo – é discutido no artigo de Luciana Meire da Silva. Em “*Cidades mortas: o rural como sinônimo de atraso e decadência*”, são analisados os contos reunidos na obra *Cidades mortas*, do polêmico Monteiro Lobato, em busca das linhas gerais que orientaram as concepções do escritor sobre o mundo rural paulista do início do século XX.

Apresentamos ainda dois artigos de caráter mais teórico. Em “Regionalizando o mundo social: configurações, campos e interações face a face”, Célia da Graça Arribas confronta as formulações analíticas de três clássicos da sociologia contemporânea: Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Erving Goffman. Desse modo, Arribas coloca em discussão três formas distintas de captar os “arranjos societários” e evidencia algumas ligações dessas alternativas com o trabalho de Max Weber. Finalmente, em “Poder e participação”, Felipe Corrêa reflete sobre as distintas concepções de “poder” e propõe uma tipologia a partir das ideias de Michel Foucault e do anarquista Tomás Ibáñez. Em seguida, procura pensar algumas questões concretas no marco da tipologia proposta.

Enfim, oferecemos ao leitor três resenhas de obras publicadas recentemente em português. Márcio Rogério Silva e Wellington Desiderio resenham *A natureza social das finanças: fundos de pensão, sindicalistas e recomposição das elites*, importante livro de artigos organizado por Maria Chaves Jardim e publicado originalmente em 2011. Tarcísio Staudt e Jucelaine Bitarello resenham *Poder e dominação no Brasil: a Escola Superior de Guerra (1974-1989)*, de Everton Rodrigo Santos, publicado originalmente em 2010. Mariana Toledo Ferreira resenha a obra *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, de Ludwig Fleck, escrita em 1935, tendo recebido tradução para nosso idioma somente em 2010. Este último texto é considerado pioneiro da abordagem sociológica no estudo do conhecimento científico e é absolutamente relevante para o debate em torno das comunidades científicas e das práticas dos cientistas.

Agradecemos a todos os autores e, saudando os leitores que prestigiam a *Plural*, expressamos nosso desejo de trabalhar ainda mais assiduamente para que a Revista continue sendo abrigo e incentivo para a produção científica de qualidade.

*Comissão Editorial*